

M NOT FOR INTERACTIVITY.
THE ACTIVITY OF THINKING.

OM MEE
TE NEMEN
TAKE
AWAY
↓

~~SCHOOL~~

AN

« ANSCHOOOL !! »
THOMAS HIRSCHHORN

DON'T CRY-WORK!!
ANSCHOOL II PUNK IS NOT DEAD!!

NO HIERARCHY!
NO HIERARCHY!
04.11.05 - 29.01.06

ONE WORLD!
ONE WORLD!
EQUALITY NOW!
EQUALITY NOW!
MUSEU SERRALVES
PORTO

LOW! LOW!
MORE! MORE!
NO EXCLUSION! NO EXCLUSION!



"ANSCHOOL" E "ANSCHOOL II"

O que eu quero com "Anschool" e "Anschool II" é responder à pergunta: "O que é que eu quero? Qual é a minha posição?". Quero mostrar tudo e quero dar a ver tudo. Quero ser corajoso, quero ousar e correr todos os riscos. Quero fazer uma exposição necessária, quero fazer um trabalho com urgência e quero demonstrar a lógica e o constrangimento interior do meu trabalho. Quero fazer uma exposição não-dramática, não-hierárquica e não-cronológica. Não quero fazer auto-documentação, nem uma autobiografia, nem autocitação. Quero fazer o que uma pessoa não pode fazer com o seu próprio trabalho.

TEXTOS EXPLICATIVOS

“Anschool” e “Anschool II”

Aubervilliers, 14.2.2005

Para o Bonnefantenmuseum em Maastricht farei “Anschool” e para o Museu de Serralves no Porto farei “Anschool II”. Trata-se de uma exposição que integra obras minhas antigas, ou mais antigas, ou simplesmente obras já existentes. É a primeira vez que faço uma exposição composta de uma variedade de obras antigas. As exposições “Anschool” e “Anschool II” não são um balanço e não são uma retrospectiva. “Anschool” e “Anschool II” são uma tentativa de formular a minha posição, a posição da minha obra e a vontade do artista de dar forma através da obra. Essa tentativa é uma Batalha do Material. É uma luta contra a tendência para criar uma “escola”. A tentativa, o objectivo, de “Anschool” e “Anschool II” é evitar o academismo, evitar a formação, evitar a cronologia e evitar a hierarquia. Quero com “Anschool” e “Anschool II” proclamar a liberdade absoluta da arte, a autonomia absoluta da arte e a vontade absoluta da arte de existir apenas como arte. O que significa que a arte está preparada e tem capacidade para lutar a qualquer momento e em qualquer contexto pelas suas condições: Liberdade, Autonomia e Existência. “Anschool” e “Anschool II” querem evitar a glorificação, o distanciamento e a visão de conjunto. “Anschool” e “Anschool II” são a afirmação da “luta interior” da obra de arte consigo mesma e também da vontade que tenho de dar uma forma minha. É algo divisado por necessidade e com urgência e divisado aqui e agora. (Imanência.) “Anschool” e “Anschool II” são feitas pelo artista que ainda está vivo, que ainda trabalha, ainda luta, ainda exagera, ainda é mau, ainda não está morto! “Anschool” e “Anschool II” são a vontade de uma exposição com precisão e ao mesmo tempo a vontade de uma exposição com excesso. Precisão em relação à vontade do meu trabalho e excesso em relação à forma do meu trabalho.

Fazer arte politicamente, em lugar de fazer arte política, significa que a feitura é que é política e não a arte ou a “consciência” da arte! Fazer arte politicamente significa proclamar a existência da arte como arte absoluta e com liberdade absoluta. “Anschool” e “Anschool II” formularão essa declaração de princípio, à semelhança de uma data de outras minhas declarações de princípio: “Energia Sim - Qualidade Não”, “Fazer Melhor é sempre Fazer Pior” e outras. A forma das exposições “Anschool” e “Anschool II” obedece à forma de diferentes salas de aula numa escola, num liceu ou numa universidade: a mesma cor, o mesmo mobiliário, a mesma iluminação. Há diferentes salas. Nas diferentes salas há diferentes obras minhas, umas vezes sozinhas, outras vezes juntamente com outras. O mobiliário inclui cadeiras, tribunas das usadas em palestras, vitrinas, caixas, bancos corridos, painéis, manequins, globos terrestres, mapas-múndi, prateleiras e armários, ecrãs de televisão, ecrãs para projecção de slides. A todo esse material chamo “hardware”. O “software” será a minha obra exposta. Mas também incluirei, de um modo acéfalo, confuso, desordenado, textos e documentação sobre o meu trabalho: vídeos, projecções de slides, material impresso (críticas que saíram na imprensa, textos meus sobre a minha obra, textos preparatórios de obras minhas). Essa será uma parte importante das exposições “Anschool” e “Anschool II”: chamo-lhe o “material pedagógico”. Portanto, haverá: hardware, software e material pedagógico. Tudo ficará completamente misturado e obedecerá apenas à minha própria “lógica interior”. Não se trata de comunicação, trata-se de codificação, precarização, que requerem que o visitante seja implicado. Implicar o visitante significa dar tanto das minhas próprias formas que o visitante se pode tornar activo. Não interactivo. A actividade do visitante consiste nos pensamentos dele sobre a posição artística que proclamo e defendo. A actividade do visitante é o seu próprio pensamento, o seu próprio discernimento e não, em caso algum, um “pensamento de fazer escola”. É esse o objectivo de “Anschool” e “Anschool II”.

Notas sobre “Anschool” e “Anschool II”.

A única coisa que faz lembrar uma escola “verdadeira” em “Anschool” e “Anschool II” é haver globos e mapas do mundo por toda a parte! Porque eu quero trabalhar em relação a um mundo. O mundo em que vivo. O mundo que quero conhecer e o mundo que quero enfrentar. O mundo com que me quero confrontar.

Com “Anschool” e “Anschool II” quero dar a forma da situação, do sentimento que experimentamos quando temos de fazer determinada coisa num espaço inadequado = exemplo: fazer o exame escrito do código de estrada numa sala de aula destinada a experiências de física ou química.

“Anschool” e “Anschool II” significam que não precisamos de análise nem de formação! “Anschool” e “Anschool II” significam que precisamos de coragem. Precisamos de curiosidade e de vontade. Precisamos de afirmação. Precisamos da arte como arte e precisamos de correr o risco de explorar o “outro” ou a tal “outra coisa”.





1
"Pilatus Transformator",
"Nonchalance", Pasqu'Art, Bienne, 1997



2
"Pilatus Transformator",
Akademie der Künste, Berlin, 1998



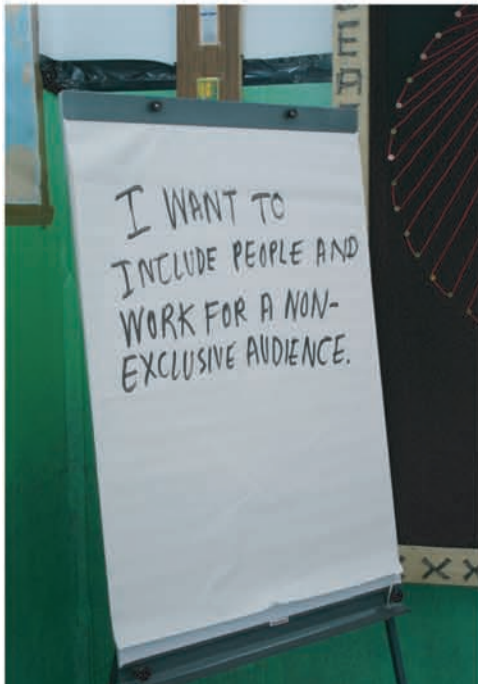
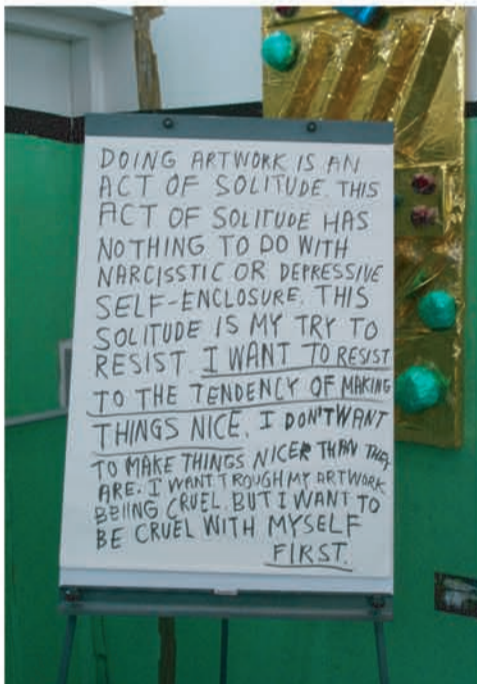
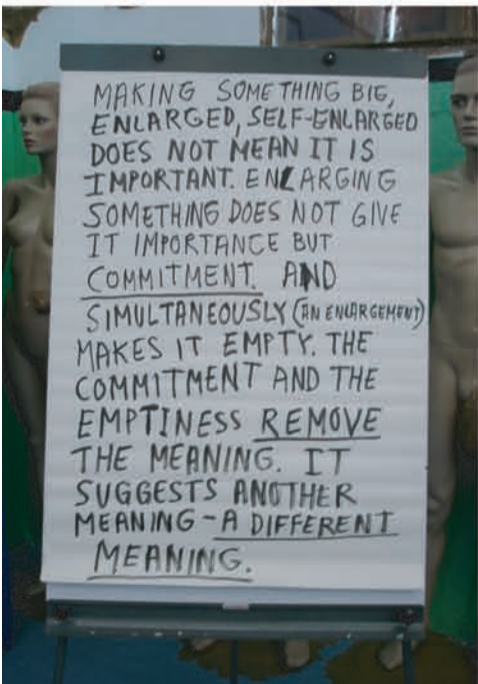
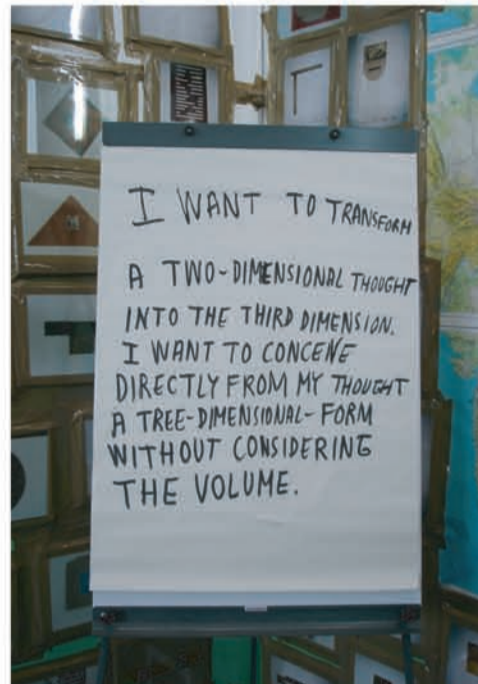
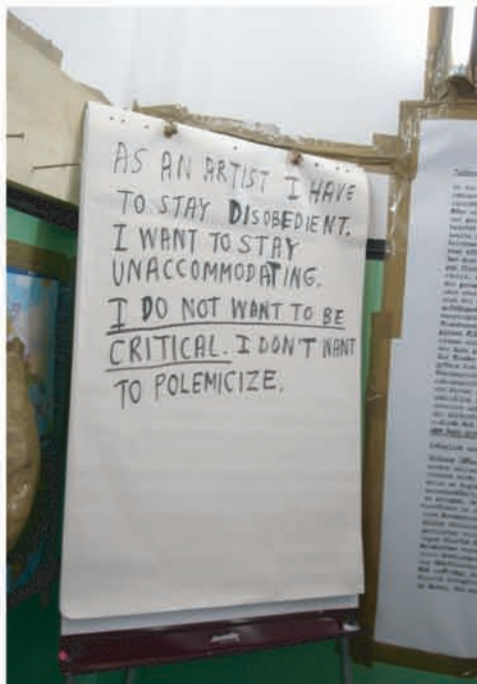
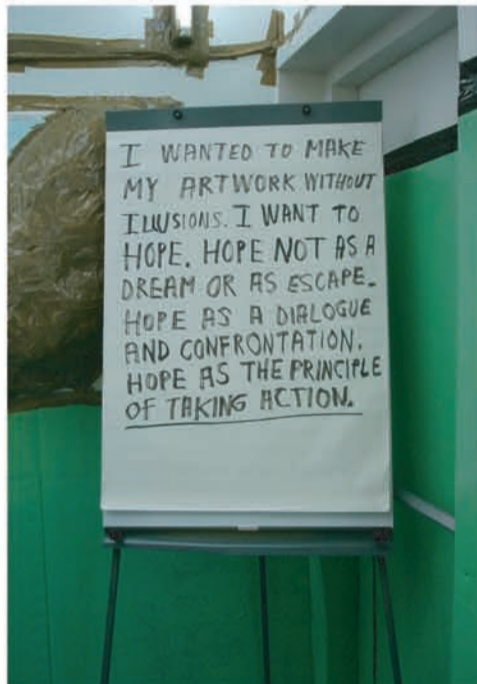
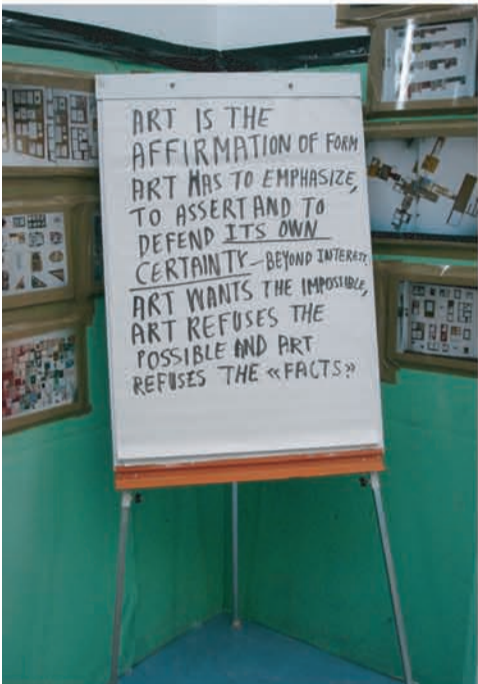
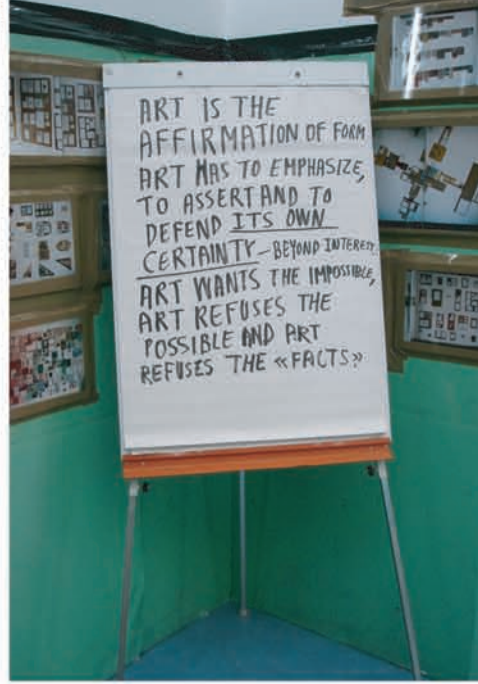
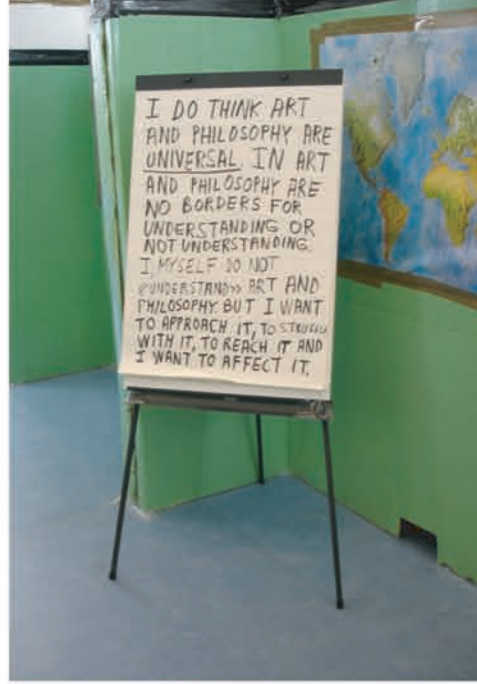
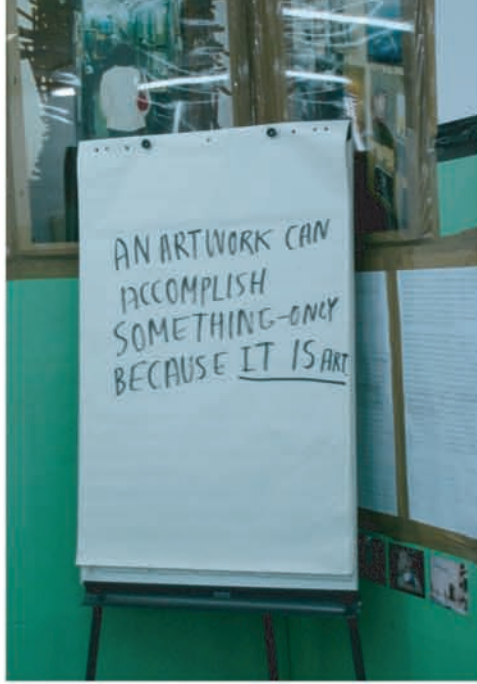
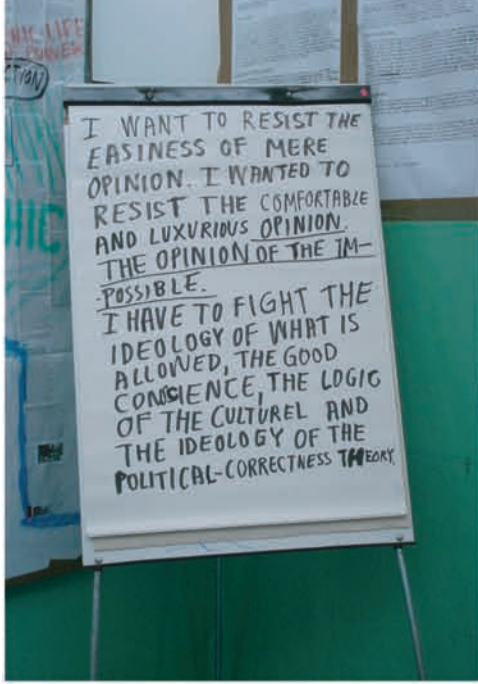
3
"Pilatus Transformator",
"Provisorium I", Bonnefanten Museum,
Maastricht, 1999

4





IMAGENS REFERÊNCIAS PARA "ANSCHOOL" E "ANSCHOOL II"



Quero resistir à facilidade da mera opinião. Quero resistir à confortável e luxuosa opinião. A opinião do impossível. Tenho de combater a ideologia do que é permitido, a boa consciência, a lógica do cultural e a ideologia da teoria do politicamente correcto.

Uma obra de arte é capaz de realizar alguma coisa – apenas porque é arte.

Penso realmente que a arte e a filosofia são universais. Na arte e na filosofia não há limites para a compreensão ou a não-compreensão. Eu próprio não "compreendo" a arte e a filosofia. Mas é isso que quero abordar, combater, atingir e afectar.

Como artista tive de fazer a teoria confrontar-se com a prática.

A arte é a afirmação da forma. A arte tem de enfatizar, afirmar e defender a sua própria certeza – desinteressadamente, a arte quer o impossível, a arte recusa o possível e a arte recusa os "factos".

Quis fazer a minha arte sem ilusões. Quero ter esperança. Esperança, não enquanto sonho ou escape. Esperança enquanto diálogo e confrontação. Esperança enquanto o princípio por detrás da acção.

Como artista tenho de permanecer desobediente. Quero permanecer não acomodado. Não quero ser crítico. Não quero polemizar.

Quero passar um pensamento bidimensional para a terceira dimensão. Quero conceber directamente a partir do meu pensamento uma forma tridimensional sem levar em consideração o volume.

Tornar uma coisa grande, ampliada, auto-ampliada não lhe confere importância. Ampliar uma coisa não a torna importante mas sim comprometida. E simultaneamente (a ampliação) torna-a vazia. O compromisso e o vazio removem o significado. Sugerem outro significado – um significado diferente.

Fazer arte é um acto de solidão. Esse acto de solidão nada tem a ver com auto-isolamento narcisista ou depressivo. Essa solidão é a minha maneira de resistir. Quero resistir à tendência para tornar as coisas bonitas. Não quero tornar as coisas mais bonitas do que são. Quero através da minha arte ser cruel. Mas quero ser cruel comigo próprio primeiro.

Quero incluir pessoas e trabalho num público não exclusivo.

Quero dar espaço ao tempo. Tempo para me confrontar e envolver. Não faço "instalações". Quero fazer escultura.

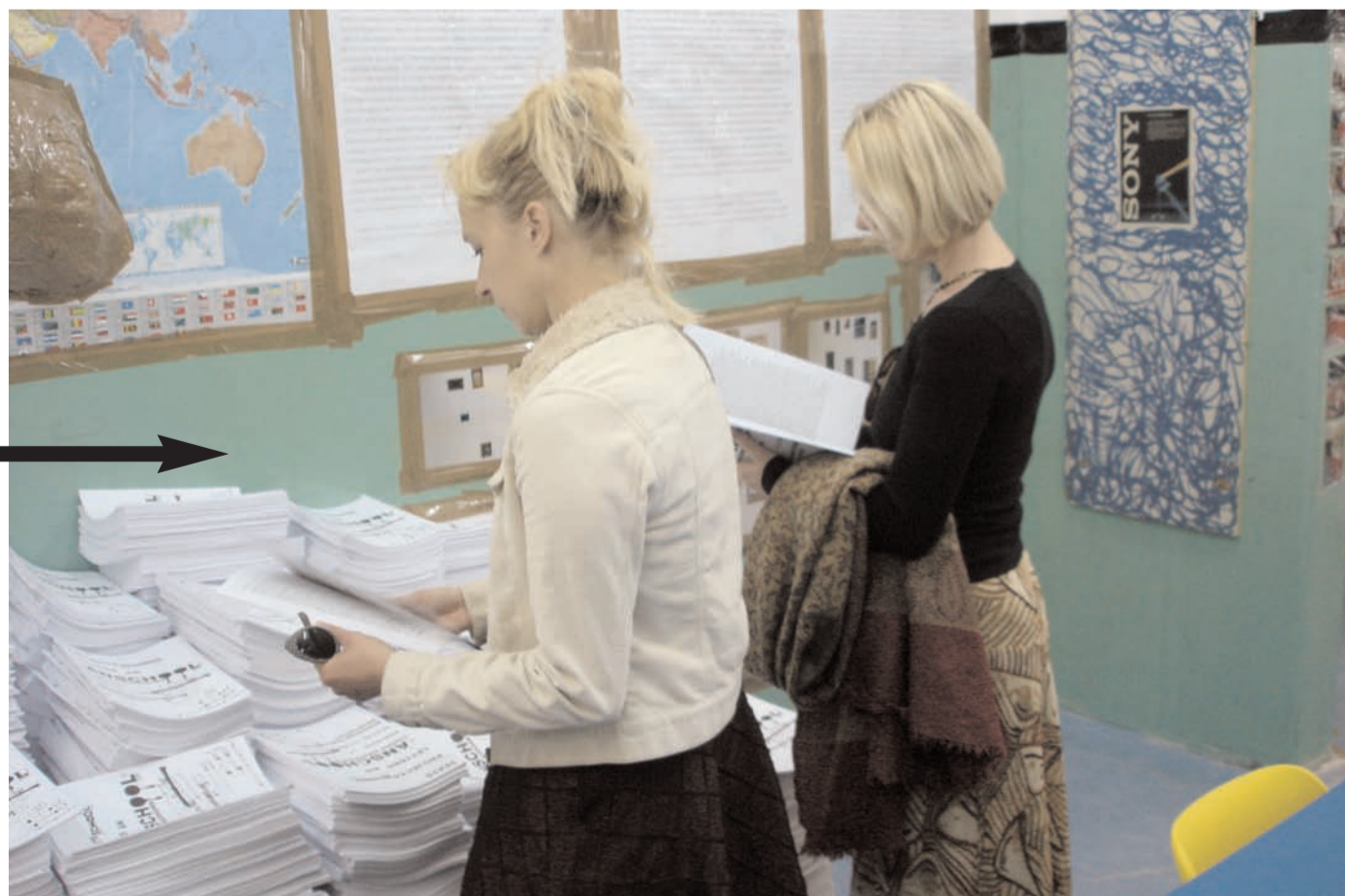
TEXTOS QUADROS

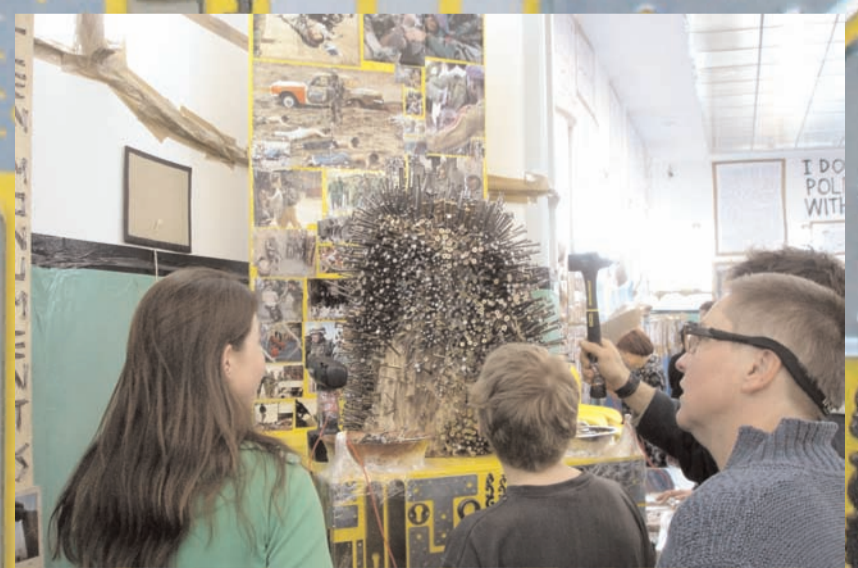
Bic e Compromisso Político

Durante a minha exposição "Très grand Buffet" em Friburgo, alguém reparou que as obras das séries "Virus," "Merci, Danke, Thank You" e "Les Larmes" tinham sido feitas com caneta esferográfica Bic. E essa pessoa perguntou porque desenhava eu com esferográficas Bic sendo a empresa Bic uma das patrocinadoras do político francês de direita Le Pen. Uma publicação oficial sobre o financiamento dos partidos políticos divulgou o facto. É nojento apoiar o Le Pen. Mas também é nojento colocar esse tipo de questões. Uso esferográficas Bic porque são baratas e encontro-las em toda a parte, são simples e adaptam-se bem à minha mão. Gosto de usar esferográficas porque toda a gente as conhece e toda a gente as usa. É uma opção que se deve à sua universalidade, à sua neutralidade, à sua trivialidade. Para mim, trabalhar com esferográficas é uma opção política, artística. O que quer dizer que tento fazer o meu trabalho de artista politicamente usando essas canetas, por exemplo. É uma coisa em que acredito firmemente como artista. Por outro lado, se eu tivesse um emprego político provavelmente não usaria canetas Bic, mas quem é que as outras marcas de canetas patrocinam? Que importância têm as esferográficas, ou as canetas de ponta de feltro? Será que uma pessoa deve trabalhar com uma Mont-Blanc para ter a consciência tranquila e ao mesmo tempo fazer parte da elite que se distingue pelo material com que escreve? É obvio que não perco tempo com perguntas dessas, porque o que me interessa é trabalhar. Mas não quero que a minha energia seja controlada pela informação e por informadores conscienciosos que são simultaneamente políticos e impotentes. Consciência a mais mata a arte e consciência a mais consome toda a energia vital, impedindo que haja revolta. O que essas pessoas excessivamente conscienciosas esquecem é que eu travo uma batalha, estou empenhado num combate cuja vitória é incerta mas que seguramente não alcançarei escondendo-me por detrás de um compromisso político formalizado, verificável, que é conformista e nos faz sentir seguros. Quero lutar por mais igualdade e justiça, pela igualdade humana, pela justiça humana. Fazendo o meu trabalho politicamente, fazendo-me a mim mesmo perguntas politicamente – em vez de fazer perguntas políticas – e fazendo um trabalho político com significado.

Tradução de Sofia Gomes a partir da versão inglesa de Emmelene Landon do original francês

**TEXTO INCLUÍDO NA
BROCHURA GRATUITA**





Fotografias: "Anschool", Bonnefanten Museum, Maastricht, 2005. © Romain Lopez